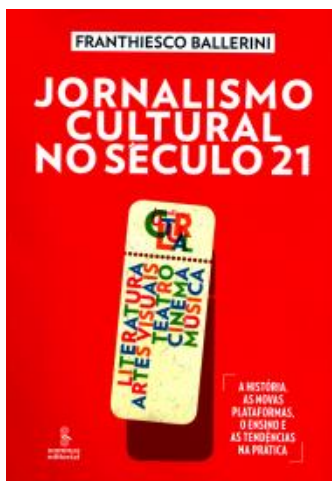


Desafios e rumos do Jornalismo cultural na contemporaneidade

Thays Assunção Reis¹



Falar de Jornalismo cultural em um cenário editorial que contém poucas obras dedicadas a este universo não é uma tarefa das mais fáceis. Um desafio que o jornalista Frantjesco Ballerini aceitou e concluiu com a publicação da obra intitulada “Jornalismo cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as novas tendências na prática”, lançada em 2015, pela editora Summus, de São Paulo.

O livro é um apanhado bem completo das principais questões que configuram o Jornalismo cultural brasileiro contemporâneo. E, neste sentido, torna-se um guia para quem pretende se enveredar por essa área, seja na prática jornalística, seja na pesquisa acadêmica.

A obra é dividida em dez capítulos, além de um posfácio cujos títulos e subtítulos delimitam o objetivo do autor naquele espaço. O primeiro, “Breve Histórico”, faz um apanhado da história do jornalismo cultural no mundo e no Brasil a partir dos principais momentos históricos do país: Brasil Colônia, século 19, século 20, Modernismo e Estado Novo, Regime Militar e Jornalismo cultural nos anos de 1980 e 1990. Ao final do capítulo, o leitor

¹ Jornalista, formada pela Universidade Federal do Maranhão. Mestranda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: thays.jornalista@gmail.com

encontra um panorama de concepções sobre cultura baseado em mais de 20 referências e indicações de outros estudos sobre o fenômeno mencionado, o que demonstra um levantamento preciso para quem, a partir da leitura, deseja compreender mais sobre o tema.

No texto seguinte, intitulado “A prática do Jornalismo cultural”, o autor apresenta algumas definições de Jornalismo cultural, seguidas por apontamentos sobre a consolidação da crítica em nosso país e sua importância nos jornais. Mais adiante, a narrativa escrita em tom leve e didático aponta as características presentes no fazer jornalístico voltado para a cultura. É o caso do menor espaço dedicado às reportagens nos cadernos de cultura, da lógica do entretenimento, da valorização excessiva da “notícia-agenda”, do aumento de matérias oriundas de assessoria, da redução do número de profissionais nas editorias de cultura, entre outros.

Para encerrar este capítulo, Ballerini acrescenta a entrevista sobre a importância, méritos, problemas e rumos do Jornalismo cultural no país, realizada com três jornalistas experientes no segmento. Desta forma, o texto conquista o leitor por trazer a perspectiva de quem desenvolve este tipo de jornalismo no dia a dia e não apenas a visão de pesquisadores, tão comum nas leituras desta natureza.

Nos capítulos posteriores, o autor concentra-se no detalhamento das grandes áreas abordadas pelo Jornalismo cultural: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música. A primeira aborda algumas lembranças históricas do jornalismo cultural literário no país, passando pela prática contemporânea e pela opinião de jornalistas e escritores sobre o segmento.

Ao discorrer sobre artes visuais, o autor esclarece logo de início que o termo empregado contempla todo tipo de pintura, desenhos, grafite, fotografia, gravura, escultura e dança. Em seguida, pontua algumas questões históricas, a diminuição de espaço para o setor nos meios tradicionais, a necessidade de mediação entre o artista e o público, o relacionamento dos jornalistas com os curadores e o uso das novas plataformas.

O texto dedicado ao teatro mostra ao leitor os principais desafios enfrentados pela área no século 21, como o caráter mercantilista que tomou conta das grandes empresas midiáticas, o receio que muitos críticos e repórteres têm de criticar os consagrados, o aumento da cobertura virtual, etc. Também o autor indica o que os jornalistas culturais teatrais devem observar durante uma cobertura.

Mais adiante, Ballerini apresenta pontos fundamentais ligados ao Jornalismo cultural cinematográfico: a formação de quem escreve sobre o assunto, a proliferação de blogues, a extinção de revistas de cinema, o acesso restrito a diretores, atores e outros profissionais da área e os caminhos que o cinema brasileiro precisa traçar na imprensa para continuar crescendo.

Outra questão debatida neste capítulo é o pouco espaço dedicado ao cinema nacional quando comparado ao cinema de Hollywood. Sobre este aspecto, o autor traz argumentos de diversos profissionais para justificar esta realidade. Uma delas é Ilda Santiago, que explica que a cobertura de Hollywood é sempre grande porque existem interesses comerciais dos próprios veículos.

O sétimo capítulo reflete sobre o Jornalismo cultural voltado à música. No decorrer desta narrativa, o autor perpassa as mudanças sofridas pelo segmento, principalmente nos anos de 1990, com a popularização da internet, a proximidade do jornalista com as fontes, a interferência do gosto pessoal na produção de matérias, as novas formas de cobertura e os rumos dessa área do Jornalismo cultural.

Vale ressaltar aqui um aspecto interessante dessa publicação, que é a conversa estabelecida com os contextos históricos, não se resumindo apenas a uma exposição do fazer jornalístico atual, mas oferecendo ao leitor condições de entender a formação de cada uma das áreas do Jornalismo cultural.

A edição ainda traz como diferencial um capítulo sobre os novos universos do Jornalismo cultural contemporâneo – moda, gastronomia, games, televisão, etc. Trata-se de um espaço dedicado a apresentar e orientar os “recém-chegados” a esta prática jornalística sobre as possibilidades de cobertura cultural para além das “sete artes” tradicionais.

Mais um ponto alto da narrativa é a reflexão sobre as mudanças da prática jornalística voltada à cultura com o advento da internet e das redes sociais. Ao mesmo tempo em que o autor comenta sobre as potencialidades das novas plataformas, ele chama a atenção do leitor para a necessidade da intermediação do jornalista cultural no ambiente *online* para nivelar a qualidade dos produtos culturais.

No último capítulo, depois de constatar nas falas dos profissionais problemas na formação dos jornalistas, o autor dedica-se a discutir o ensino do Jornalismo cultural no Brasil. Mais que mapear onde o Jornalismo cultural está incluso como disciplina curricular nas

faculdades de Comunicação Social, Ballerini apresenta a perspectiva de diversos professores e pesquisadores a respeito do perfil do ensino de jornalismo especializado em cultura no país. Inclusive, são destacadas as mudanças no ensino com as novas diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo.

Por fim, Ballerini encerra a obra com o posfácio “Mediações entre arte e consumo”, quando traz suas conclusões sobre o cenário do Jornalismo cultural brasileiro. O texto é permeado por duas vertentes: a crise financeira da mídia tradicional – com o advento da internet e o hábito do download pirata/gratuito – e a fraca formação do leitor, que cada vez mais repele a cultura e prefere o entretenimento.

Enfim, o livro “Jornalismo cultural no século 21” é um guia, mas vai além, consegue ter uma discussão pertinente do fazer jornalístico de cada área tematizada pelas editorias e cadernos de cultura, bem como de suas configurações nas novas mídias.

Referências

BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as novas tendências na prática**. São Paulo: Summus, 2015.